

Pés descalços: projeto experimental de livro-reportagem sobre os trabalhadores da indústria calçadista de Birigui¹

Breno da Costa ALVES²
Vinicius Rodrigues MACEDO³
César Gomes da SILVA⁴
Centro Universitário Toledo, Araçatuba, SP

RESUMO

As mudanças técnicas e organizacionais na indústria calçadista de Birigui, a partir da adoção de políticas neoliberais na década de 1990, alteraram as relações de trabalho no setor, pois as empresas começaram a concorrer com os sapatos produzidos por países asiáticos. Muitas corporações recorreram à terceirização ilegal e ao trabalho informal. Produzido como projeto experimental de conclusão de curso, o livro-reportagem “Pés descalços: o avesso da produção calçadista em Birigui” utiliza as técnicas do jornalismo literário para relatar como as mudanças na indústria de Birigui no período alteraram o processo produtivo e como afetam os trabalhadores que atuam no cenário atual.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; grande reportagem; livro-reportagem; indústria de calçados de Birigui; precarização das relações de trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Se fosse possível estabelecer um ano marcante para a história do homem moderno certamente seria 1769. Foi nesta data que Richard Arkwright, um capitalista inglês, criou uma máquina de fiar movimentada por animais de tração ou por rodas d'água chamada *water frame*. A invenção, como relata Singer (1998), permitiu a produção fabril de tecidos, que substituiu a confecção artesanal. O momento representa a origem do período conhecido mundialmente como a Primeira Revolução Industrial, que apresentou evoluções técnicas bastante significativas, e, conseqüentemente, o início da hegemonia capitalista.

O capitalismo pode ser classificado de duas maneiras. Uma delas é como modo de produção, a infraestrutura, à base técnica, às formas em que os produtos são produzidos. A segunda, a supraestrutura, às relações de trabalho, às normas, leis e ideologias necessárias para sistematizar e legitimar o modo de produção capitalista (SINGER, 1998).

No decorrer da história, essas estruturas passaram por diferentes transformações, consideradas por Singer (1998) como resultado da interação entre ambas. Conforme as

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 11 Livro-reportagem.

² Aluno líder do grupo e recém-graduado em Jornalismo (2015), email: al_breno@hotmail.com.

³ Recém-graduado em Jornalismo (2015), e-mail: viniciusmacedo.jornalismo@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Geografia (Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Unesp Rio Claro) e professor do Centro Universitário Toledo de Araçatuba/SP, email: cesargomes.prof@toledo.br.

técnicas de produção evoluem, o sistema normativo produz ideologia e comportamento específicos, que, além de legitimar a organização técnico-produtiva, cria indivíduos adaptados com a realidade ideológica aplicada pelos valores do capital. A afirmação está em harmonia com o pensamento de Marx (1998), que não vê sentido romântico para as evoluções sociais durante os avanços do capitalismo. Ele as chama de flutuações das sociedades humanas e afirma que as mudanças sociais apenas se ajustam com a ordem econômica do momento e não são, portanto, sinônimo de justiça.

“Pés descalços: o avesso da produção calçadista em Birigui” foi concebido para abordar sobre como os ajustes técnicos, políticos, jurídicos refletem em um novo tipo de trabalhador na indústria de sapatos biriguiense e como é preciso que estejam legitimados à ideologia sugerida pelas necessidades do capital. De maneira vertical e horizontal, isto é, com profundidade nos relatos e contextualizada política, social e economicamente, a obra visa expor o trabalho informal e a terceirização clandestina que ocorrem do lado externo das empresas do setor, nas chamadas bancas de calçados. O livro-reportagem revela o cotidiano dessas pessoas que são submetidas ao sistema vigente a partir dos métodos do jornalismo literário e da grande reportagem.

2 OBJETIVO

A proposta é o desenvolvimento de livro-reportagem que conte as histórias de vida e de trabalho de personagens reais que contribuem informalmente ou a partir da terceirização ilegal com a produção calçadista na indústria de Birigui, considerada como o maior polo produtor de sapatos infantis da América Latina. O projeto privilegia as experiências dos trabalhadores e os tornam personagens principais da reportagem, o que destoa da abordagem presente nos veículos de comunicação tradicionais, sejam locais ou regionais, em que os empresários e empreendedores aparecem como responsáveis pela condução dos avanços econômicos do setor.

O livro pretende preencher a lacuna informacional na imprensa da região de Birigui a respeito dos desmandos políticos, econômicos e sociais na indústria calçadista ao oferecer ao público uma alternativa ao relato jornalístico predominante regionalmente, além de agendar a discussão acerca do tema na sociedade.

A situação atual dos calçadistas apresenta-se contextualizada ao histórico do capitalismo e como resultado do modelo socioeconômico vigente, fazendo com que o leitor entenda os fatos atuais com olhar mais atento e com vínculo pontual com a história.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema justifica-se pelo seu ineditismo. Não há trabalhos acadêmicos e produtos jornalísticos que apresentem o avesso da produção da indústria de calçados de Birigui. Constata-se que o material existente sobre o setor não tem os calçadistas que trabalham na informalidade ou a partir da terceirização ilegal como protagonistas. São, na realidade, agentes sociais anônimos, socialmente invisíveis.

Quando os operários da indústria de Birigui são citados nos veículos de comunicação, aparecem como coadjuvantes e são inseridos na visão homogênea do relato jornalístico, o que, para Pena (2013, p. 13), acontece porque os “critérios adotados pelas redações não se comprometem com a história, com a sociedade e com a economia” efetivamente, resultado de uma “cegueira ética na humanidade, cujos valores mais básicos estão sendo esquecidos ou substituídos pelos ideais da sociedade de consumo”. Em contrapartida, os trabalhadores informais, que auxiliam na engrenagem econômica local, nem aparecem. São completamente esquecidos por estarem em situação ilegal, além de precária.

O livro-reportagem “Pés descalços” pretende oferecer um relato jornalístico não hegemônico, escrito sob outra perspectiva: a dos menos favorecidos, daqueles que não têm influência política, econômica e social. Apresentar ao público, principalmente o da região, o avesso da história atual da indústria de calçados infantis de Birigui em que o empresário e o empreendedor não são personagens principais, mas, sim, os operários. O relevante neste sentido não são os avanços tecnológicos e financeiros das empresas biriguienses, contudo, como atuam os trabalhadores, aqueles que contribuem braçalmente no desenvolvimento econômico local e regional. Durante a pesquisa de Rizzo (2005), por exemplo, o autor notou a unilateralidade dos jornais regionais: “observamos que existe a defesa de interesses dos empresários calçadistas que são tidos como propulsores do progresso industrial local” (RIZZO, 2005, p. 2).

Para Arbex (2012), essa visão homogênea que aparece na maioria das vezes nas coberturas jornalísticas sobre a indústria – que não mostra a real situação de seus trabalhadores – deriva da monopolização dos veículos de comunicação, o que contribui negativamente para a consolidação da não dualidade dos fatos:

O monopólio da comunicação exercido pelas corporações da mídia tem consequências políticas, culturais, sociais e econômicas de longo alcance e profundidade. Impede o debate plural e democrático das ideias, torna invisível – quando não “demoniza” – atores e movimentos sociais, padroniza comportamentos, constrói percepções e consensos segundo critérios e métodos

não transparentes e não submetidos ao controle das sociedades (ARBEX, 2012, p. 385).

O que também implica no relato desigual das notícias é serem construídas a partir da seleção dos fatos, realizada pelos veículos de comunicação que têm como base os critérios de noticiabilidade (relevância, atualidade etc.), e resultarem da subjetividade dos profissionais. Entre o acontecimento e sua veiculação há um processo de escolha e hierarquização das ocorrências, apuração, edição o que não refletem a realidade em sua completude, mas apenas fragmentos (MELO, 2007).

No que diz respeito à seleção – teoria do agenda-setting – Bernard Cohen (1963 *apud* COLLING, 2001, p. 89) argumenta que “a imprensa pode, na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores o que pensar”. Ou seja, a imprensa veicula o que é viável para si e, com isso, agenda, direciona as discussões nos diversos setores da sociedade. As empresas jornalísticas estarem inseridas no modo capitalista de produção também contribui nesta questão.

Outro ponto importante nesse processo é o enquadramento noticioso. A técnica amplia ou reduz elementos da realidade para torná-los mais ou menos salientes (Entman *apud* Soares 2005). Já a construção da notícia deriva da subjetividade do jornalista. “Eles (jornalistas) reconstroem diariamente o mundo impondo-lhe sua verdade cristalizada sobre as pessoas, sobre os fatos, sobre as ocorrências novas [...]” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 102). Marcondes Filho (2009) também observa que os profissionais classificam os fatos de acordo com seus próprios estereótipos porque atuam na manutenção de ideias, da cultura e disseminam, inclusive, seus preconceitos. Além disso, atuam com clichês ao classificar movimentos e grupos sociais, filosofias políticas, entre outros.

Como resultado, a mídia atua na conservação da realidade estabelecida pelo senso comum, pela visão homogênea dos fatos. “[...] a mídia abre imensas possibilidades de manipulação do imaginário, ainda mais em países como o Brasil, onde a sociedade civil é extremamente frágil e exposta às relações não raro promíscuas entre as corporações e o Estado [...]” (ARBEX, 2012, p. 386).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O jornalismo diário, praticado nas redações de jornal impresso, rádio, televisão e internet, faz a cobertura dos fatos a partir dos métodos tradicionais da reportagem. Uma de suas principais características é a utilização da objetividade do lide, o primeiro parágrafo de

uma matéria, composto pelas respostas às seguintes perguntas: quem? o quê? como? quando? onde? e por quê? Nas matérias jornalísticas, também há a presença de personagens ou testemunhas, que dão veracidade ao tema tratado, bem como as opiniões de especialistas (LAGE, 2011). Entretanto, o presente projeto se afasta da prática padronizada do jornalismo, da notícia factual, principalmente no que diz respeito à periodicidade e à formatação, mas não o esquecimento de suas técnicas e filosofia.

O trabalho utiliza os métodos do jornalismo literário, gênero jornalístico amplamente difundido por Pena (2013), que tem como objetivo apresentar o oposto dos acontecimentos cotidianos, ampliar a visão sobre a realidade de maneira a aprofundar os relatos. Para Pena (2013, p. 105), o estilo trata-se de “uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico, utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura”.

Usar adereços literários para, além de informar, explicar a atual condição dos trabalhadores informais e terceirizados ilegalmente na indústria calçadista de Birigui figura entre as propostas do trabalho. Para tanto, o meio escolhido, o livro-reportagem, permite explorar a narrativa em profundidade, a ampliação da discussão acerca do tema e o debate crítico, que contribuirão com o relato minucioso, seja em profundidade, ao mostrar as causas políticas, econômicas e sociais que colaboram com situação produtiva e ideológica do trabalhador biriguiense, seja em extensão, ao aumentar o número de personagens e contar em detalhes suas histórias. Segundo Lima (2004, p. 26):

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impresso não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalísticos periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento do tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos.

Lima (2004) difere o livro-reportagem das demais publicações por meio de três condições essenciais: o conteúdo, devido a sua veracidade e verossimilhança com os fatos; o tratamento, como os sistemas simbólicos (ilustrações, fotografias) e linguísticos (textos, legendas, títulos); e a função, pois trabalha com a horizontalização de dados e fatos, se atentando à qualidade intensiva do tema abordado.

Dentre suas principais características, conforme Lima (2004), estão a objetividade do fato, a humanização do relato, o grau de extensão e/ou aprofundamento da narração, entre outras. O autor faz uma definição bem clara de como deve ser feita a apuração e conceitua o aprofundamento – particularidade-chave do livro-reportagem – como horizontal

e vertical. Suas diferenças estão na forma de como o texto é escrito por meio de sua quantidade (dados) e qualidade (informações).

O aprofundamento é extensivo, ou horizontal, quando o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes que ampliam quantitativamente sua taxa de conhecimento do tema. O aprofundamento é intensivo, ou vertical, quando o leitor é alimentado de informações que possibilitem aumentar qualitativamente sua taxa de conhecimento. [...] a grande reportagem em livro vincula-se menos à edificação do tangível imediato, do concreto, e mais à tecedura do sutil, do que está por materializar-se (LIMA, 2004, p. 40).

Além de aprofundar o conteúdo, o meio se opõe à efemeridade do jornalismo comum, que transmite mensagens com pouco nível de absorção pelo leitor o que, conseqüentemente, resulta no esquecimento da notícia. Conforme Lima (1998), o livro-reportagem tende a vencer essa tendência porque une a permanência e a profundidade.

As características que acentuam o distanciamento do estilo em relação às práticas tradicionais do jornalismo diário foram observadas por Kotscho (1995), que acredita que as grandes reportagens tendem a desaparecer dos jornais. Isso porque elas demandam tempo, custo e, principalmente, espaço, itens escassos nos veículos impressos, por exemplo. “E há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, esquecer tudo o mais para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história” (KOTSCHO, 1995, p. 71). A boa história a que Kotscho se refere só é possível quando se tem liberdade à escrita, quando há espaço para isso. A forma convencional do tratamento da notícia aplicada nos jornais, como o lide e a ordenação dos fatos a partir do conceito da pirâmide invertida, é deixada de lado e dá lugar a um “mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto” (LIMA, 2004, p. 18).

A reportagem que se aproxima dos contextos de uma história tem o intuito de provocar emoções por meio de uma abordagem estilística, como afirma Cremilda Medina (1978 *apud* COIMBRA, 2002), diferentemente da notícia, cuja intenção é mais simplória:

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através de contemplação de fatos que situam ou exemplificam o fato nuclear através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato.

Apesar do desejo em cobrir nexos e não fatos, trabalho do livro-reportagem, porém, não se pode confundir com o da história, alerta Lima (2004). A distinção é de que a técnica

jornalística deve trabalhar a contemporaneidade, adentrando ao passado apenas para compreender com maior elasticidade o assunto abordado, identificando os conflitos presentes na época e que ainda refletem e podem refletir futuramente. Nas palavras do autor, o livro-reportagem “pode escapar do passado, embora mergulhe nele, focalizar o presente, mas também avançar ao futuro, antecipando a continuidade atual, mediante seus desdobramentos, no que virá ser” (LIMA, 2004, p. 45).

Portanto, o autor aconselha ao jornalista de profundidade, de livro-reportagem, que, ao lugar da atualidade, ele deve buscar a contemporaneidade do fato, ou seja, procurar as ligações entre as coisas que possam constatar o quanto o passado pode persistir no presente, pois “a prisão do jornalismo comum em torno da atualidade o impede de buscar as raízes, um pouco mais distantes no tempo, que explicam melhor as origens dos acontecimentos, bem como as motivações dos atores envolvidos” (LIMA, 1998, p. 20).

Outro “carrasco” que deve ser deixado de lado na construção do livro-reportagem é a periodicidade. Essa regularidade da notícia faz com que a informação chegue até o receptor de forma simplificada. Para atender seu público com a repetição regular, os jornais, revistas e outros meios de comunicação se impõem em uma rotina de produção dentro dos prazos industriais. Ou seja, a imprensa luta contra o relógio, disputa com a concorrência, dessa forma praticando o trabalho de uma informação pública muitas vezes imprecisa e incompleta.

Para Lima (1998), a simplificação da notícia resulta em duas “pragas nocivas”. Uma delas é a construção da informação onde tudo é reduzido a partir da fórmula do lide. A segunda “praga” seria a legitimação das fontes, ou seja, ouvir sempre as mesmas pessoas, as mesmas figuras públicas, os mesmos especialistas, como se fossem as únicas e verdadeiras de determinados assuntos.

Segundo ele, a construção da notícia dentro dessa “fórmula fechada” faz com que o tema perca sua profundidade, suas particularidades que contribui, e muito, a conceber todo seu contexto. Lima (1998, p. 21) afirma:

A fórmula tende a colocar em primeiro plano os aspectos materiais, concretos de um acontecimento. Com essa abordagem, perdem-se muitas vezes componentes atuais sutis e subjacentes que são, em certas circunstâncias, extremamente relevantes para se compreender o real em sua totalidade material e física – no nível das ações –, de um lado, em sua totalidade subjetiva – no nível do significado psicológico e da ressonância emocional –, de outro.

Não é o caso do livro-reportagem. Sua função, conforme o autor, é experimentar novas formas de captação, ampliar o leque de fontes de consulta e criar novas maneiras de relação entre o repórter e seus entrevistados. Portanto, o objetivo do livro-reportagem é oferecer “um quadro de contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades desse quadro e de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo [...], ele faz uma leitura sistêmica da realidade” (LIMA, 1998, p. 29).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro é dividido em duas partes, ambas necessárias para que o leitor entenda de maneira contextualizada e ampla a atual situação de muitos trabalhadores que cooperam com a produção fabril de calçados, principalmente infantis, no polo industrial de Birigui.

A “Parte I – Capitalismo: da gênese à indústria calçadista de Birigui” contém informações específicas sobre as evoluções técnicas, tecnológicas e ideológicas do capitalismo ao longo dos séculos, desde quando tornou-se hegemônico enquanto formação social até chegar ao cenário vigente, em que as políticas neoliberais prevalecem como modelo políticoeconômico. O relato ocorre à luz dos estudos do economista Paul Singer, sobre o percurso do capitalismo desde os primórdios até a sua manifestação atual; do geógrafo Antonio Thomaz Junior, a respeito da precarização das relações de trabalho; do também geógrafo Milton Santos, a partir de seus ensinamentos sobre os efeitos da globalização; do perfil do novo trabalhador, como defende o sociólogo e historiador Richard Sennett; do filósofo e economista Karl Marx, no que se refere à aceitação popular do mundo tal como ele é; e nas obras dos pesquisadores Marçal Rogério Rizzo, Marco Aurélio Barbosa Souza e Lucimari Gomes Souza, sobre o histórico da indústria local.

O conteúdo desse segmento é importante para que haja compreensão a respeito da maneira como o capitalismo se manifesta especificamente no município de Birigui. Pretendemos que o público tenha uma visão abrangente do tema, não fragmentada, para entender que os métodos aos quais as indústrias de calçados biriguienses recorrem – produção informal e terceirização ilegal – são resultados de tendências promovidas pelo modelo político e socioeconômico em vigor.

Enquanto isso, a “Parte II – Corte, pesponto e montagem: histórias de vida e de trabalho” mostra a realidade de personagens do setor calçadista em Birigui. O segmento revela como o panorama atual, visto na primeira parte, reflete diretamente no estilo de vida e de trabalho dos produtores de calçados na cidade.

O nome da parte dois faz referência às principais etapas do processo produtivo de calçados: o corte, o pesponto e a montagem. Também apresenta um sentido figurado, uma metáfora. O corte remete aos vários relatos, ao recorte da vivência de cada personagem. O pesponto tem no seu sentido a costura, o fazer-se enquanto pessoa e cidadão. A montagem é a reunião de todos os depoimentos em uma grande história: a dos calçadistas biriguienses, que, braçalmente, auxiliam no desenvolvimento econômico local.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo, as entrevistas, a revisão bibliográfica confirmaram a ausência de representatividade dos operários da indústria de calçados infantis de Birigui na mídia local e regional no que se refere à informalidade e à terceirização ilegal. Os relatos existentes estão inseridos no discurso ideológico hegemônico e não apresentam a realidade de muitos trabalhadores do setor, o que contribui com a legitimação dos efeitos do capital na classe operária biriguiense.

A partir das técnicas do livro-reportagem, entretanto, tornou-se possível escrever as histórias de vida e de trabalho desses indivíduos, com vínculo pontual com a situação política, econômica e social vigente. A narrativa percorreu a história do capitalismo desde o seu surgimento enquanto modo de produção e formação social até as consequências de sua manifestação contemporânea com os relatos pessoais dos personagens, que, somados, revelam a recorrência das experiências e, até mesmo, certa homogeneização entre as suas características e vivências. O detalhamento da narrativa ocorreu à luz dos métodos do Jornalismo Literário.

Conclui-se também, por meio da reportagem, que a produção de calçados em Birigui se esquia dos meios legais para tornar o sapato confeccionado na cidade mais competitivo no mercado nacional e internacional. Para tal, contudo, há a exploração da força trabalhadora e, sobretudo, a sistematização da ideia de que o serviço prestado, além de útil, é sinônimo de progresso econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX JR, José. Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, Dênis (Org.) **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

COIMBRA, Osvaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 2002.

COLLING, Leandro. **Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados.** Revista Famecos, Porto Alegre, nº 14, p. 88-101, abr. 2001.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas.** Barueri: Editora Manole, 2004.

_____. **O que é Livro-Reportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos.** In: Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.

MARX, Karl. **O capital.** Bauru: Edipro, 1998.

MELO, Isabelle Anchieta de. **A defesa de uma nova subjetividade jornalística: a intersubjetividade.** Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelleintersubjectividade.pdf>. Acesso em: 22 de jul. 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RIZZO, Marçal Rogério. **A evolução da indústria calçadista de Birigui: um estudo sobre a capital brasileira do calçado infantil.** Birigui: Borel Editora, 2005.

SINGER, Paul. **Para além do neoliberalismo: a saga do capitalismo contemporâneo.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 12, n. 2, abr-jun. 1998.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 450-465.